

Deixem passar o 'afro-beat'

A dança chega ao Festival de Almada pela mão de um dos mais destacados coreógrafos da actualidade: Serge Aimé Coulibaly inspirou-se na música do compositor nigeriano Fela Kuti para, nas suas palavras, trazer o activismo político do fundador do 'afro-beat' para os nossos dias. *Kalakuta Republik* fez furor no último Festival d'Avignon: a crítica francesa apontou que os intérpretes dançam como se estivessem “*em cima de um vulcão*”.

Serge Aimé Coulibaly começou a dançar no seu país natal, o Burquina Faso, emigrando posteriormente para França e para a Bélgica, onde integrou os Ballets C. de la B. e foi dirigido por Alain Platel, que o considera um dos mais destacados coreógrafos da actualidade. A partir de 2002 funda a sua própria estrutura — a Faso Danse — para a qual tem criado vários espectáculos. *Kalakuta Republik*, que vai buscar o título ao nome que Fela Kuti tinha dado à sua residência (nos arredores de Lagos, na Nigéria), mostra-nos uma “*África despida de lugares-comuns*”, se-

gundo o coreógrafo: Kalakuta era também o nome da cela na qual o compositor foi encarcerado pela primeira vez.

Pensar a revolução

Em 2014 estalou uma revolução no Burquina Faso: o povo revoltou-se contra uma emenda à Constituição daquele país, que permitiria que o chefe de Estado, Blaise Compaoré, pudesse candidatar-se a um quinto mandato. Para Coulibaly, “*hoje em dia, ainda que os líderes que nos governam continuem a ser os mesmos, as pessoas estão vigilantes, e prontas a defender os seus direitos*”. Só que, escudando-se



Kalakuta Republik estreou em 2017

© Doune

numa célebre afirmação do filósofo esloveno Slavoj Žižek, o coreógrafo vai afirmando que “*fazer um carnaval é fácil: mas aquilo que importa é o dia seguinte, quando regressarmos à vida quotidiana e enfrentarmos a mudança*”.

Um transe sem fim

Estamos no Shrine, um templo onde Fela Kuti rezava com os seus espectadores, e que era também a *boîte* onde dava os seus concertos: as paredes desse local estavam repletas de frases e de imagens, e foi a partir desse sítio que o espaço de *Kalakuta Republik* foi criado. Nas imagens projectadas em

cena, deparamo-nos tanto com o pensamento de Žižek como com o de Kuti — como também com imagens da NASA, nas quais se assiste a *drones* norte-americanos em acção, colocando populações em fuga. A primeira parte do espectáculo decorre praticamente toda a preto e branco — e a segunda, a cores, representa “*a fealdade do Mundo*”. Coulibaly acrescenta que “*as multidões em marcha, deslocadas pela guerra, representam a marcha da Humanidade, e o que é formidável é que essa marcha pode mudar o Mundo. Procurei criar uma espécie de marcha, de transe, que não tenha fim*”.

O Festival toma a rua de assalto

A programação de rua arancou ontem na Praça da Portela, no Laranjeiro, com o espectáculo *Hotel La Rue*. Cumpriu-se, assim, uma das tarefas que o Festival de Almada chamou a si: ir ao encontro dos almadenses, irradiando da Escola D. António da Costa para diferen-

tes ruas da cidade. Perante cerca de uma centena de espectadores, a dupla de actores que compõe a companhia espanhola Totonco Teatro foi, por uma hora, Miguel e Manuela, um engenheiro rico que repara máquinas a vapor e uma vendedora ambulante, cujos caminhos se cruzam por um acaso do destino. A história de ambos é contada ao som de alguns êxitos do *rock 'n roll* e os dois intérpretes apostam nas máscaras e na dança para interagir com o público. O espectáculo estará novamente em cena amanhã, às 22h, desta vez na Rua Cândido dos Reis, em Cacilhas.



Totonco Teatro animou a Praça da Portela

© Maria Bacelar

Lotação esgotada

O Festival de Almada abriu ontem portas com a lotação esgotada. Inauguraram-se duas exposições na Escola D. António da Costa e o primeiro espectáculo trouxe a boa disposição ao Palco Grande.

No arranque do 35.º Festival de Almada, foi a banda da Academia Almada quem marcou o compasso, trazendo à memória o desfile que, noutros anos, costumava abrir o evento. Depois de ter actuado na Praça São João Baptista às 19h, o agrupamento deslocou-se até à Escola D. António da Costa e deu as boas-vindas ao público que acompanhou a inauguração das exposições *CTA: 40 anos em Almada – Parte III: A Festa e O pomar das romãzeiras*, bem como o regresso de *Apré – melodrama burlesco* ao Palco Grande. Na inauguração das duas instalações concebidas por José Manuel Castanheira, estiveram presentes a presidente da Câ-



A banda da Academia saudou o público



A presidente da CMA, Inês de Medeiros, o presidente da Assembleia Municipal de Almada, José Leitão, Yvette Centeno e José Manuel Castanheira

mara Municipal de Almada, Inês de Medeiros, e a figura homenageada nesta edição, a professora Yvette Centeno. Nos discursos de abertura, Rodrigo Francisco congratulou-se com o número de assinaturas vendidas (superior ao que vinha sendo registado desde 2012) e com o número de membros do Clube de Amigos do TMJB: são, desde Junho, 700. Inês de Medeiros destacou, sem

esconder a emoção, “as coisas belas” que o Festival traz a Almada – e fez questão de garantir, em jeito de conclusão, que o evento terá sempre na Câmara Municipal de Almada “um amigo e um parceiro”. Com o fim do espectáculo no Palco Grande, houve ainda tempo para a entrega do Prémio de Espectáculo de Honra 2018 à companhia francesa Le Fils du Grand Réseau.

CTA em livro

A exposição que ontem foi inaugurada na Sala Polivalente da Escola D. António da Costa (*CTA: 40 anos em Almada – Parte III: A Festa*) deu origem a um catálogo com o mesmo nome que já se encontra à venda. Nele se descreve a evolução do Festival de Almada, ao longo de mais de 150 páginas, reunindo fotografias, recortes de imprensa e alguns documentos inéditos. Este é o terceiro volume



de uma colecção que tem vindo a acompanhar a inauguração das diferentes partes que compõem a exposição que visa assinalar os 40 anos da instalação da companhia na cidade e que, até agora, ocupava apenas o foyer, a galeria e o restaurante do Teatro Municipal Joaquim Benite. Os dois primei-

ros títulos (*Sonhar* e *Plantar*) referem-se, respectivamente, aos períodos compreendidos entre 1971-1987 e 1988-2006 e constituem o lado mais documental da iniciativa. Podem ser adquiridos na livraria à entrada da escola e são gratuitos para os membros do Clube de Amigos do TMJB.

AGENDA DE AMANHÃ

COLÓQUIO

17:00 **Nuno M Cardoso**
Escola D. António da Costa

TEATRO

19:00 **Lulu**
Teatro Municipal Joaquim Benite

19:00 **Bonecos de luz**
Teatro Municipal Joaquim Benite

MÚSICA

20:30 e 24:00 **Espírito Nativo**
Escola D. António da Costa

TEATRO

21:00 **Nada de mim**
Teatro da Politécnica

21:30 **Colónia penal**
Teatro do Bairro

ESPECTÁCULO DE RUA

22:00 **Hotel La Rue**
Rua Cândido dos Reis (Cacilhas)

TEATRO

22:00 **Kalakuta Republik**
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

- Frango à moda marroquina
- Pataniscas com arroz de feijão
- Fatias de abóbora com natas azedas

AMANHÃ

- Arroz de frango nigeriano
- Pescada com amêijoia
- Legumes no forno

Amanhã há colóquio

Amanhã, pelas 17h, a Esplanada da Escola D. António da Costa recebe o primeiro colóquio desta edição. Nuno M Cardoso, actor e encenador de *Lulu*, estará à conversa com o público, num encontro moderado pelo jornalista Jorge Loureiro. No centro do debate estará a peça de Wedekind que o TNSJ traz ao Festival e a personagem feminina que a protagoniza e que desafia, com o seu comportamento, a moral tradicional.

